

Mechthild de Magdeburg e os sufrágios pelas almas no Purgatório

Denise da Silva Menezes do Nascimento¹

DOI: <http://dx.doi.org/10.4025/rbhranpuh.v11i31.41857>

Resumo: O século XIII foi um período de revigoramento urbano e comercial, no qual nem mesmo a Igreja escapou às transformações sociais e econômicas vivenciadas em todos os níveis da sociedade medieval. O progresso material implicou, todavia, o aumento do número de necessitados de ajuda material e espiritual – pobres, enfermos, prostitutas, almas do Purgatório – bem como um crescente desejo de uma religiosidade que se distinguisse da recusa do mundo vivida pelos monges, da ostentação do clero secular e do isolamento dos eremitas. Neste artigo, nos propomos analisar os êxtases e visões do Purgatório de Mechthild de Magdeburg que, por volta de 1250, revelou ao seu confessor, o dominicano Heinrich Von Halle, os extraordinários favores espirituais que vinha experimentando desde os doze anos. Os textos de Mechthild nos ajudam a compreender a importância das beguinhas na oração pelas almas do Purgatório, já que a caridade para com os necessitados espirituais – sufrágios – era um dos fundamentos de sua espiritualidade. Sua religiosidade, ao pautar-se na caridade, contribuía para a consolidação das novas práticas que enfatizavam o amor a Deus, vivenciado através da misericórdia para com o próximo.

Palavras-chave: religiosidade feminina, beguinhas, Purgatório, Idade Média.

Mechthild of Magdeburg and the suffrages for souls in Purgatory

Abstract: The thirteenth century was a period of urban and commercial refreshment, not even the Church escaped from the social and economic transformations that all levels of medieval society went through. Nevertheless, the wealth progress implied an increase in the number of people in need of material and spiritual help, as well as it implied a growing desire for a religiosity distinct from the monks refusal of the secular world, from the secular clergy ostentation, and from the hermits isolation. This paper aims to analyze the ecstasies and visions of Mechthild of Magdeburg over Purgatory. Around 1250, she revealed to her confessor, the Dominican Heinrich Von Halle, the extraordinary spiritual favors she had been experiencing since she was twelve years old. Mechthild's texts help us to understand the importance of beguines in prayers for the souls in Purgatory, since

¹ Doutorada em História Social pela Universidade de São Paulo, Mestrado em História Comparada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, Professora Adjunta de História Medieval da Universidade Federal de Juiz de Fora. E-mail: denise.nascimento@ufjf.edu.br

charity towards the spiritual needy ones – suffrages – was one of the foundations of their spirituality. That religiosity, by being based on charity, had led to the consolidation of new practices that emphasized God's love experienced through mercy towards the neighbor.

Keywords: female religiosity, beguines, Purgatory, Middle Ages.

Mechthild de Magdeburg y los sufrágios por las almas en el Purgatorio

Resumen: El siglo XIII fue un período de robustecimiento urbano y comercial, en el que ni la Iglesia escapó a las transformaciones sociales y económicas vividas en todos los niveles de la sociedad medieval. Sin embargo, el progreso material provocó el crecimiento del número de necesitados de ayuda material y espiritual, además de un creciente deseo de una religiosidad que fuera distinta de la renuncia de mundo vivida por los monjes, la ostentación del clero secular y el aislamiento de los ermitaños. En este artículo, nos proponemos analizar los éxtasis y las visiones del Purgatorio de Mechthild de Magdeburg, la cual, alrededor del 1250, le reveló a su confesor, el dominicano Heinrich Von Halle, los extraordinarios favores espirituales que venía probando desde los doce años. Los textos de Mechthild nos ayudan a comprender la importancia de las beguinas en la difusión del Purgatorio, ya que la caridad hacia los necesitados espirituales – sufrágios - era uno de los fundamentos de su espiritualidad. Esta religiosidad, basándose en la caridad, contribuía para la consolidación de las nuevas prácticas que enfatizaban el amor a Dios, vivido a través de la misericordia hacia el prójimo.

Palabras clave: religiosidad femenina, beguinas; Purgatorio; Edad Media.

Recebido em 28/02/2018 - Aprovado em 16/04/2018

Introdução

O movimento das beguinas iniciou-se nas cidades dos Países Baixos durante o século XII, espalhou-se pelo sul até Colônia e Estrasburgo e, também, ao leste alemão. No século XIII, praticamente todas as regiões do norte e sul da Europa tinham comunidades de beguinas. A cidade de Colônia, por exemplo, em meados do século XIV possuía 169 comunidades com cerca de 1170 residentes; já em Estrasburgo, havia, na mesma época, aproximadamente 600 beguinas (OPTIZ, 1990, p. 423). O movimento teve seu maior vigor de, aproximadamente, 1220 até 1320 e, gradualmente, se extinguiu devido à oposição eclesiástica, que proibia a fundação de casas religiosas femininas que não estivessem subordinadas a uma Ordem religiosa aprovada pela Cúria, bem como à crescente desconfiança da Igreja em relação ao misticismo de mulheres leigas.

No século XIII, a nova religiosidade convidava todos à contrição, à aproximação com Deus. Porém, a exigência de dotes e a forte hierarquia dentro dos mosteiros, bem como a desconfiança que a religiosidade das leigas gerava, contribuiram para a limitação das possibilidades das mulheres se dedicarem plenamente a Deus dentro

dos muros de um mosteiro, o que não significou uma barreira intransponível entre as mulheres e Deus. Assim, outras formas de se relacionar com a divindade foram ganhando espaço. Dentre as novas práticas religiosas, várias foram incorporadas à ortodoxia. Todavia, algumas – como, por exemplo, os câtaros – não sendo plenamente aceitas pela Igreja, foram consideradas heréticas. A fim de evitar que muitas mulheres se voltassem para a heresia e com o intuito de tirar tantas outras da heterodoxia, a Igreja reconheceu o movimento religioso de mulheres leigas, desde que estas mantivessem fidelidade aos preceitos cristãos católicos. Tal fato aconteceu com as beguinas, mulheres laicas que levavam uma vida de devoção dentro da ortodoxia católica, priorizando a caridade, o trabalho, a humildade e a penitência postulada pelos discípulos de Cristo.

As beguinas que viviam em casas comunitárias – as chamadas beguinarias –, que abrigavam em média doze mulheres, conseguiam seu sustento através de doações, do apoio de suas famílias e do trabalho. Típicas formas de trabalho exercido por elas eram a tecelagem, a preparação do morto para o enterro, o ensino dos rudimentos da leitura e escrita, além das orações pelas almas do Purgatório, que podiam redundar em legados testamentários em prol daquelas que se dedicavam aos sufrágios. Ademais, as orações das beguinas protegiam toda a cidade; as preces de tais mulheres eram um baluarte para os cidadãos e a sua misericórdia contribuía para minimizar os sofrimentos de inúmeros habitantes dos burgos. Tais mulheres ganharam, assim, grande popularidade devido ao seu ascetismo. Homens e mulheres recorriam a elas em busca de conselhos e orações, já que sua religiosidade as aproximava de Deus e as tornavam intercessoras privilegiadas.

Eu te imploro, Senhor, para dar honra a ti mesmo pela verdadeira transformação e completa conversão dos pobres pecadores que hoje jazem em mortal pecado. Eu também te suplico, meu verdadeiro Amor, por um sagrado acréscimo em todas as virtudes e em constância cristã por todos os abençoados que aqui vivem livres do pecado mortal. Eu também oro a ti, Caríssimo, por todas as almas sofredoras que foram ao Purgatório por causa de nossos pecados, almas que deveríamos ter mantido salvas através de nosso bom exemplo. [...] Eu te rogo, Senhor, pela completa purificação, constância espiritual, e gloriosa preservação da verdade divina em todas as coisas por todos aqueles especialmente pelos que usam vestuário da vida religiosa e exercem autoridade espiritual puramente fora do seu amor. [...] Por meio de nosso Senhor Jesus Cristo seu Filho.

Amém (MECHTHILD OF MAGDEBURG, 1998, livro V, p. 218-219).

A fim de apreendermos a especificidade da caridade das beguinias – tão importante para vivos e mortos no Medievo – nos apropriamos da noção de espiritualidade utilizada por André Vauchez, que a define “como unidade dinâmica do conteúdo de uma fé e da maneira pela qual esta é vivida por homens historicamente determinados” (VAUCHEZ, 1995, p. 8). Nesse sentido, a espiritualidade não é, por nós, considerada tão somente como um sistema de regras, mas também como uma relação entre determinados aspectos do cristianismo e práticas privilegiadas em uma dada época, no interior da vida cristã (VAUCHEZ, 1995, p. 8). Tal concepção de espiritualidade se faz mister, posto que concepções religiosas, hábitos e ideias transmitidas e admitidas são socialmente construídas e que as mudanças nas práticas religiosas estão intimamente relacionadas ao contexto político e socioeconômico. Desta forma, destacamos a importância de um estudo voltado para a especificidade da religiosidade das beguinias – a caridade – a fim de permitir que novos traços, não identificados através da macroanálise da Igreja, sejam destacados.

A espiritualidade das beguinias ganhou vulto no momento em que “a leitura binária da ordem do mundo vê-se substituída, como no universo feudal, por um esquema ternário, que tolera uma categoria intermediária entre os bons e os malvados” (VOVELLE, 2010, p. 27), e é, nesse contexto, que se destacam lugares e personagens intermediários, tais como Maria Madalena e o Purgatório, elementos tão caros à religiosidade de Mechthild de Magdeburg. Analisar a caridade praticada por mulheres que estavam inseridas na instituição eclesial, mas que tinham atitudes que escapavam às normas de conduta religiosa estabelecida pela Igreja, na medida em que não estavam subordinadas a uma Ordem masculina, torna necessário um estudo pormenorizado dos fundamentos da caridade vivenciada pelas religiosas, no intuito de apreender a pluralidade de práticas dentro da ortodoxia católica, posto que é a partir do jogo de estratégias individuais e de grupos constantemente redefinidos que as identidades religiosas são estabelecidas. Tais identidades estão fundamentadas na caridade, mormente nos sufrágios pelas almas do Purgatório na comunidade sob a supervisão de Mechthild de Magdeburg.

Mechthild de Magdeburg e os textos devotados ao Amor

Mechthild de Magdeburg, por volta de 1230, deixou a família para iniciar a vida religiosa como beguina. Nos idos de 1250, Mechthild revelou ao seu confessor, o dominicano Heinrich Von Halle, os extraordinários favores espirituais que vinha experimentando desde os doze anos. Ele a aconselhou a manter sua religiosidade aos

moldes das comunidades de beguinhas e a incentivou a escrever suas experiências de amor com Deus.

No medievo, as visões suscitavam desconfianças da Igreja, pois podiam facilmente ser confundidas com ilusões diabólicas. Por isso, tais experiências eram mais comuns e aceitáveis dentro de comunidades religiosas nas quais se levava uma vida conhecidamente ascética. Além disso, os religiosos eram considerados mais aptos a relatar suas visões, na medida em que se acreditava que eles possuíam maior capacidade de resistir às artimanhas do maligno e receber a mensagem divina. Mechthild, mulher que tinha um relacionamento íntimo com Deus e ocupava papel de destaque em sua comunidade, no que diz respeito ao amor e à exortação, relatava suas visões e revelações às demais mulheres a fim de instruí-las nas virtudes cristãs. As descrições do Além eram, portanto, proveitosas para a edificação das beguinhas.

Conhecedora do latim, da literatura cortês e de alguns teólogos, Mechthild, todavia, em sua obra, enfatizava que não tinha domínio do latim e que seu conhecimento de teologia não era oriundo de um estudo formal, afirmando que “agora o meu alemão me falha; eu não sei latim. Se existe algum mérito aqui, não é meu feito” (MECHTHILD OF MAGDEBURG, 1998, livro II, p. 72). A beguina baseava a autoridade de seus escritos em sua própria experiência de amor, já que, em suas visões, era conduzida por um anjo e era o próprio Deus quem revelava seus mistérios. Mechthild buscava dissipar as suspeitas sobre sua obra pedindo que “não fique demasiado preocupado [pois] ninguém pode queimar a verdade [que está contida em sua obra]. Porque você [Deus] é o único que me disse para escrever isto [o livro *The flowing light of the godhead*]” (MECHTHILD OF MAGDEBURG, 1998, livro II, p. 96). E acrescenta: “Se sete anos atrás, Deus não tivesse oferecido suporte ao meu coração com especial auxílio, eu ainda estaria silenciosa e nunca teria escrito isto” (MECHTHILD OF MAGDEBURG, 1998, livro III, p. 106).

A documentação utilizada, *The flowing light of the Godhead*, compreende sete livros escritos entre 1270 e 1282 com o encorajamento e assistência de seu confessor. O termo medieval para os textos semelhantes aos escritos por Mechthild é revelações, porém se nos restringirmos a categorizar sua obra como um conjunto de relatos de visões e revelações, estaremos excluindo muito de seu conteúdo, pois o livro inclui diferentes gêneros, entre os quais podemos destacar os religiosos – visão, hino, sermão, instrução, oração e literatura profética; e os aristocráticos – poesia do amor cortês e diálogo alegórico. O livro inclui também outros gêneros tais como, drama, poesia, anedota, carta, autobiografia e paródia. Seja qual for o tipo de escrita adotado por Mechthild, o amor seria a força que a compelia a escrever, sendo, também, o principal tema de sua obra.

Mechthild, frequentemente, recorria ao uso de imagens para explicitar seu pensamento. Em suas visões, era capaz de criar um mapa vívido da geografia sobrenatural: Céu, Purgatório e Inferno. Nestes locais, os seres eram ordenados de acordo com suas ações, obediência e amor a Cristo. Assim, Mechthild buscava correlacionar a experiência vivida pelos homens e pelos seres sobrenaturais. Ela descrevia um estágio antes de nós e o drama do final dos tempos, quando as forças do bem e do mal entrariam em suas batalhas finais, e o amor e justiça do Salvador triunfariam. Esta dimensão cósmica de suas visões a impedia, diferentemente de outras mulheres visionárias de seu contexto, de se limitar a descrições de experiências visionárias de um mundo pessoal e privado.

Além de diálogos alegóricos, tais como aqueles entre o Amor e a alma, Mechthild também utilizava, em seus discursos, seres que representavam o homem virtuoso e os homens descrentes. Ela também estabelecia uma comunidade alegórica habitada por corações caridosos, comunidade formada pelas diversas virtudes a serem cultivadas por aqueles que almejavam a salvação em Jesus. O livro de Mechthild é, portanto, rico em estilos e imagens, e esta riqueza não obscurece sua mensagem de amor e caridade. O livro – *The flowing lighth of the godbead* – divinamente recebido por ela, deveria refletir o amor de Deus, que, por caridade, irradia sua luz sobre as almas que se dedicam a amar a Deus e ao próximo.

Na religiosidade das beguinhas, a caridade era vista como uma forma de amor a Deus e ao próximo. Tais mulheres tinham a Bíblia como suporte de seus escritos e dela retiravam os conceitos e ensinamentos referentes à caridade. O Antigo Testamento, para expressar o conceito *amor*, utiliza a raiz *hb*, que serve para indicar as relações familiares e de amizade, bem como para exemplificar o sentimento que ligava Deus a Israel. O termo neotestamentário correspondente – *agape* – expressa tanto a relação entre Deus e o homem como o sentimento de amor e amizade que une os homens. O amor a Deus e o amor ao próximo são, portanto, dois aspectos do mesmo *agape*. Na versão latina do Novo Testamento, o termo *agape* (amor) é traduzido por *charitas* (FIORES, 1993, p. 82).

Levando em consideração que a caridade era palavra chave para compreendermos a religiosidade das beguinhas, ao falarmos de mística em relação à Mechthild, não nos limitamos a um conjunto de fenômenos espetaculares, tais como visões e êxtases, posto que a mística dessas mulheres se concretizava em uma experiência religiosa particular de unidade e comunhão com Cristo. A partir dos textos analisados, podemos inferir que a experiência espiritual de união com Cristo era possível através de uma vida de amor em imitação a Jesus, já que o Espírito de Deus habitaria corpos entregues ao Criador, e os favores celestiais seriam concedidos aos que amavam a Deus em palavras e atos. Nesta mística sponsal, o esposo a quem as beguinhas esperavam e a

quem elas deviam obediência era o próprio Cristo. As religiosas deviam ter uma vida de amor a fim de se tornarem una com seu Amado, cuja essência era o próprio amor.

As beguinias preocupavam-se essencialmente com três males que justificavam a necessidade da caridade. Eram eles os males ‘corporais’, que as levavam a se apiedarem dos sofrimentos e aflições do próximo; os ‘racionais’, que as sensibilizavam em relação às almas cheias de pecado; e os males ‘divinos’, ligados aos sofrimentos de Nosso Senhor. Para as beguinias, as atitudes de caridade que podiam aliviar os sofrimentos físicos eram principalmente: alimentar os que têm fome, dar de beber aos que tem sede, abrigar os desabrigados, vestir os nus e amparar os enfermos. Já a misericórdia para com os necessitados espirituais consistia em consolar os tristes e os que tinham medo, ensinar os preceitos cristãos a quem não os conhecia, aconselhar a quem precisava, incentivar os fracos e oferecer sufrágios pelas almas do Purgatório (ESCOBARD OLIVEIRA, 1996, p. 56). Dentre todos os males que eram alvos da piedade de tais mulheres, neste artigo nos voltamos, especificamente, para a caridade em relação aos males ‘racionais’, enfatizando as visões, orações e penitências que visavam reduzir a estada das almas no Purgatório, lugar onde os homens que morriam com pecados veniais tinham oportunidade de salvação. Convém ressaltar que, ao estudarmos tais atitudes de *amor ao próximo* em relação aos males ‘racionais’, estamos nos voltando também para o problema dos males ‘divinos’, na medida em que estar entre os necessitados implicava assemelhar-se e estar perto do Cristo, feito homem pobre e humilhado em prol da salvação de muitos.

A premência de uma religiosidade voltada para os sufrágios

O século XIII foi um período de revigoramento urbano e comercial e nem mesmo a Igreja escapou às transformações sociais e econômicas vivenciadas em todos os níveis da sociedade medieval. O progresso material implicou o aumento do número de necessitados de ajuda espiritual, bem como um crescente desejo de uma religiosidade que se distinguisse da recusa do mundo vivida pelos monges, da ostentação do clero secular e do isolamento dos eremitas. Nesse sentido, podemos afirmar que a religiosidade das beguinias estava inserida num contexto de reforma vivenciado por diversos setores da Igreja. Religiosidade esta que, ao pautar-se na caridade, colocava em prática os ideais apostólicos e contribuía para a consolidação das novas práticas religiosas que enfatizavam o amor a Deus vivenciado através da misericórdia.

A difusão do culto à Maria Madalena foi outro fator que contribuiu favoravelmente para a religiosidade das mulheres leigas. A nova espiritualidade relacionava salvação ao arrependimento, à penitência e às boas obras. Através do exemplo de Maria Madalena, que após uma verdadeira conversão se voltou para o Salvador, a mulher podia ser reabilitada. Este foi um momento em que novos atores

entraram no cenário social e no qual vimos surgir um espaço intermediário entre o Céu e o Inferno – o Purgatório. Maria era a figura feminina que representava o Paraíso, enquanto Eva estava associada à perdição, ao Inferno. No âmbito das representações femininas, Maria Madalena surge como um novo paradigma. Tal qual as almas são mandadas para o Purgatório a fim de se penitenciarem de seus pecados veniais, Maria Madalena representava a mulher que pecou, mas que buscava, através da penitência, purgar seus pecados.

Eva representava aquela que trouxe o pecado para o mundo, a que era um perigo para si e para a sociedade, pois, desobedecendo à vontade do Pai, ela se deixara seduzir pelas palavras da serpente arrastando consigo Adão. Eva era, portanto, a antítese de Maria, através de quem a salvação entrou no mundo. Maria concebeu o Salvador sem conhecer o pecado da carne. Era, portanto, virgem e mãe. Por ser virgem, seu modelo aproximava-se mais das reclusas que estavam longe do pecado e próximas de Deus. Seguindo o modelo mariano, mais do que as delícias do espírito, às virgens consagradas era possível vencer a maldição de Eva. Maria era, também, uma intercessora privilegiada porque Cristo, como bom filho, ouvia os apelos da Mãe. Por isso, a Virgem era cultuada como aquela que intercedia junto a Deus pelos homens e estava associada à Igreja, que fazia a mediação entre Deus e os fiéis. Por ser única, os homens religiosos identificavam Maria com a Igreja triunfante, que pela graça concebeu os filhos de Deus, coirmãos de Cristo, os fiéis. Maria era, para os clérigos, “única, sem exemplo, virgem e mãe Maria” (OPTIZ, 1990, p. 40). Seu modelo, portanto, não era possível de ser seguido por todas as mulheres, mas somente por aquelas que não passaram pelo leito conjugal. “Louvar a Virgem-Mãe não é de maneira alguma prestar homenagem ao conjunto das suas mais modestas coirmãs” (OPTIZ, 1990, p. 40), haja vista que a maioria das mulheres estava destinada ao casamento e, com ele, ao sexo. Isso dificultava a aproximação desse modelo por parte do grande contingente feminino medieval: as esposas. O modelo mariano estava, assim, longe das “mulheres comuns”, projetado no céu, inacessível.

Sucessora de Eva, a mulher era “símbolo do pecado e da perdição. Maligna em sua essência, de natureza ímpia, tornava-se assim, presa fácil e fatal do Diabo” (DELUMEAU, 1996, p. 329). Maria Madalena, todavia, através do arrependimento e penitência, venceu a concupiscência da carne. Também as beguinhas deveriam “praticar aquela singular e providencial forma de temperança, dita castidade ou continência, que põe ordem e medida no desordenado e perigoso mundo dos prazeres sexuais” (CASAGRANDE, 1990, p. 110). Sendo virgem ou tendo conhecido o sexo, a mulher deveria manter-se casta não apenas no corpo, mas, sobretudo, na alma. Nesse sentido, Mechthild afirma que “orou por uma pessoa, que Deus pudesse libertá-la daqueles desejos do corpo” (MECHTHILD OF MAGDEBURG, 1998, livro III, p. 125). Uma

beguina devia, portanto, evitar, com trabalho, oração e penitência, os pensamentos relacionados ao desejo carnal. Para tanto, Mechthild deveria deixar sua veste nupcial aos cuidados da Dama Castidade: “Oh querida Dama Castidade, eu recomendo minha vestimenta virginal a você, que possa sempre ser pura e limpa; para que meu querido Noivo Jesus Cristo esteja sempre ao meu lado” (MECHTHILD OF MAGDEBURG, 1998, livro VII. p. 318).

Entre a Virgem, modelo de perfeição espiritual, e Eva, considerada a porta de entrada do pecado, temos Maria Madalena, signo de arrependimento e paradigma acessível às mulheres leigas. Também, entre o Inferno e o Paraíso, surge um lugar intermediário destinado a purgar os pecados quotidianos dos homens que morreram em amizade com Deus, mas que, por causa de seus pecados veniais, não estavam preparados para a Visão Última. Devido à compaixão divina, os pecados eram perdoados e o pecador arrependido não era punido com a pena eterna. Porém, a justiça de Deus não deixava o pecado impune. Até o século XIII, dois eram os veredictos: Céu ou Inferno. Com as transformações desse período, vemos despontar uma terceira possibilidade – o Purgatório.

O papel da mulher nos sufrágios ganhou vulto, na medida em que o tempo que se passava no Purgatório podia ser reduzido pelos sufrágios dos vivos: esmolas, jejuns, sacramento de altar, penitência, peregrinação, execução de legados pios, restituição dos bens adquiridos injustamente e oferendas de todos os tipos feitas a Deus pelos vivos em nome dos defuntos – “orações, missas, a Palavra de Deus, a vida de boas pessoas e jejuns libertam as almas do Purgatório” (MECHTHILD OF MAGDEBURG, 1998, livro VI, p. 236). As beguinas fizeram da caridade a base de sua religiosidade e, portanto, se compadeciam de todos os necessitados, quer no plano físico ou espiritual, pois, conforme aconselhava Mechthild, era necessário “trabalhar pelos pecadores e por aqueles no Purgatório, e assistir às necessidades de cada e toda pessoa, viva ou morta” (MECHTHILD OF MAGDEBURG, 1998, livro VI, p. 240). Visando a imitação de Cristo, sua piedade estava voltada para as almas que sofriam os tormentos do Purgatório e, nesse sentido, da mesma forma que Jesus libertou os profetas da morte, as beguinas desejavam libertar as almas dos tormentos do Purgatório.

Eu oro a ti, santo Pai do Céu, por todas as almas cristãs que partem de seus corpos hoje, que o senhor, Deus misericordioso, possa ser o Protetor delas e conceder a elas a Vida Eterna. Oh, querido Senhor, tenha misericórdia das almas de meu pai e minha mãe, e também de todas as almas no Purgatório. Liberte-os, Deus, nesta hora através de seus

três gloriosos nomes. Possam elas descansar em paz. Amém (MECHTHILD OF MAGDEBURG, 1998, livro VI, p. 262-264).

E Mechthild acrescenta:

No Dia de Todas as Almas eu orei junto à Sagrada Cristandade por todas as almas que estão cumprindo pena no Purgatório. Então eu vi um Purgatório que era como uma fornalha. Do lado de fora era preto, do lado de dentro estava cheio de chamas ardentes. Olhando para o lado de dentro eu vi como eles estavam nas chamas e queimavam como um fardo de palha (MECHTHILD OF MAGDEBURG, 1998, livro VII, p. 275-277).

Nas comunidades religiosas, as descrições do Além eram contadas para os irmãos através de historietas com características moralizantes – os exempla. No século XIII, tal recurso extrapolou os muros dos mosteiros, e, desta forma, a difusão do Purgatório entre a massa de fiéis ocorreu através do sermão, que, por sua vez, continha narrativas curtas que buscavam passar uma lição através de histórias divertidas e/ou de fácil compreensão. Os exempla eram também o principal meio de divulgação das visões nas comunidades de beguinias. As histórias sobre o Além eram transmitidas às demais mulheres a fim incitá-las às virtudes cristãs. Deus permitia que as almas aparecessem aos vivos e lhes mostrassem sua pena, fosse para a exortação e edificação destes, e/ou para que o sofrimento dos mortos fosse aliviado ou abreviado pelos sufrágios. Inserida nesse contexto, Mechthild contava suas experiências e conhecimentos sobre o Além através de relatos de visões e aparições de almas que sofriam as penas do Purgatório e que vinham pedir ajuda espiritual e/ou aconselhar os vivos a uma vida cristã virtuosa.

Eu pretendo viver de acordo com o conselho de Deus?. Eu sempre me arrepio com essas palavras porque nenhuma pessoa em qualquer situação pode se humilhar por melhor vantagem do que seguindo o conselho cristão com coração obediente. Isto se tornou claro para mim no caso de uma mulher que amava Nosso Senhor de coração. [...] Ela morreu. Como é costume cristão eu orei por ela. Em um êxtase de espírito eu vi o espírito dela, que era brilhante

como o sol. Isto veio do amor fervoroso em seu coração puro. Ela foi cercada por grandiosa escuridão e desejou urgentemente alcançar a luz eterna. Onde quer que ela estivesse ascendendo, a noite escura sempre a bloqueou. Isto era seu desejo egoísta recusando o conselho que tão completamente reteve esta pessoa. Eu a perguntei: ‘Como alguém pode te ajudar?’. Ela respondeu: ‘Enquanto na Terra eu nunca quis seguir conselho de ninguém dado de acordo com os costumes cristãos. Por causa disso nenhuma oração ou desejo de alguém pode ser de ajuda para mim’ (MECHTHILD OF MAGDEBURG, 1998, livro V, p. 184-185).

Tal visão evidenciava que Deus dava uma permissão especial para que as almas sássem de sua morada temporária e aparecessem aos vivos para sensibilizá-los a uma vida ascética. O criador, na sua infinita misericórdia, permitia que os vivos tivessem uma chance de aprendizado, reflexão e arrependimento ao verem os sofrimentos pelos quais passava o homem que morria impenitente. Assim, a caridade divina ensinava os vivos por intermédio dos mortos.

Mechthild de Magdeburg e a oração pelas almas do Purgatório

O século XIII é um período de transformações no qual verificamos o crescimento dos burgos e a acusação de um maior apego aos bens mundanos, evidenciando a premência de uma espiritualidade preocupada com o destino dos homens bons que morreram impenitentes. Assim, “ao mesmo tempo em que a condenação se tornava um risco mais ameaçador, descobriam-se e desenvolviam-se meios de preveni-la, na esperança de comover a misericórdia divina, mesmo depois da morte” (ARIÉS, 2014, p. 201). Nesse contexto, cresceu a importância de uma religiosidade calcada na caridade para com as almas que sofriam os tormentos do Purgatório, “ideia, se não completamente nova, pelo menos anteriormente negligenciada, da intercessão dos vivos pelos mortos” (ARIÉS, 2014, p. 202). As beguinas externalizavam sua compaixão pelos espíritos privados da presença de Deus ao oferecerem sufrágios pelas almas do Purgatório. Após descrever os tormentos do Purgatório, enfatizando a passagem pelo fogo que purificava os pecados da alma, Mechthild mostra que o Senhor, na sua infinita misericórdia, permitia que os sofrimentos das almas fossem amenizados e sua pena reduzida pelas orações e penitência dos vivos em prol dos mortos.

Então minha alma foi levada a agir com piedade por causa do poder e dignidade deles e eu chorei aos Céus: ‘Senhor Deus, poderia eu ir para o lado de dentro com eles e sofrer com eles de forma que eles pudessem vir até vós logo?’. Então Nosso Senhor revelou que ele era o anjo de pé próximo a mim, e ele disse: ‘Se você está desejando entrar, eu hei de entrar contigo’. Então Nosso Senhor abraçou o espírito dessa pessoa para si mesmo e a trouxe para o lado de dentro. Quando a alma veio para o lado de dentro com Nosso Senhor ela não sentiu dor alguma. Então ela perguntou quantos deles havia. Nosso Senhor disse: ‘Você não pode terminar de contá-los, e estes são aqueles por quem você orou enquanto eles estiveram na terra’. (...) Então eu disse as seguintes palavras: ‘Oh querido senhor, você os libertaria?’. Então todos de uma só vez se ergueram em grandes números maravilhosamente mais brancos do que a neve, e eles flutuaram em direção ao Paraíso em pura e doce felicidade. Lá eles descansaram com alegria (MECHTHILD OF MAGDEBURG, 1998, livro VII, p. 275-277).

Mechthild acreditava que os sufrágios só eram eficientes na medida em que Cristo, através de seu sacrifício pessoal e misericórdia infundável, não permitia que o justo sofresse por toda a eternidade. Entretanto, a visão também evidencia a importância dos sufrágios de toda a comunidade. Nesse sentido, cabia a todos, em oração, louvar a caridade divina que impedia que o justo perecesse, por meio de preces de súplica e louvor que reduziam a estada da alma no Purgatório e favoreciam aqueles que não possuíam um intercessor específico junto a Deus. Para as beguinhas, o sufrágio oferecido em prol de uma alma podia também beneficiar as demais. A oração e demais obras pias não perdiam sua função caritativa mesmo que a alma a quem se destinava o sufrágio já tivesse sido libertada. Os sufrágios eram mais úteis àqueles a quem eram destinados, todavia, os excedentes ajudavam as almas que deles estavam privadas, mas que necessitavam de tal ajuda. Isto fica evidente na visão na qual a alma [diz a Mechthild que]

Tudo que nos é dado como ajuda em nosso caminho ao Céu é certamente nosso. Mas uma vez que chegamos lá, é compartilhado pelas almas. Isto Deus fez por nós para o

nosso próprio bem, para que eles rapidamente venham e nos ajudem a louvar a Deus em eterna glória. (MECHTHILD OF MAGDEBURG, 1998, livro III, p. 184-185).

Mais uma vez, o modelo de Madalena e a caridade divina prevaleciam, na medida em que a bondade plena e a isenção de pecados não eram condições imprescindíveis para que os sufrágios de um cristão minimizassem os sofrimentos das almas. Assim, para Mechthild, os sufrágios dos pecadores eram úteis, na medida em que não dependiam da condição de quem os oferecia e sim de quem os recebia, “Aliás, à semelhança dos sacramentos que são eficazes por si próprios, independentemente daquele que atua” (LE GOFF, 1993, p. 321). Portanto, mesmo não tendo a graça da perfeita santidade, as penitências e orações das beguinas reunidas em comunhão contribuía para minimizar o sofrimento dos necessitados de ajuda espiritual. As dores de Mechthild, orando pelas almas e lamentando os pecados dos mortos que estavam no Purgatório, não traziam satisfação (expição) plena das penas purgais, mas serviam para abreviar a estada neste local intermediário, já que o amor emanado se transformaria em obra pia proveitosa às almas que em vida adquiriram méritos.

O homem nascia em pecado por causa do Pecado Original, mas este era suprimido pelo batismo. Assim, todos seriam julgados de acordo com as faltas cometidas segundo a sua responsabilidade. Deus, ao criar o homem, deu-lhe o livre arbítrio e, sendo Ele misericordioso, porém justo, punia aqueles que faziam uma má utilização do mesmo. A crença no Purgatório pressupunha, portanto, um julgamento individual baseado nos méritos de cada um e que ocorria com a morte. Era nesse momento que Deus dava a sentença: Céu, Purgatório ou Inferno. O destino do homem, após a morte, era determinado pela conduta em vida: a fé e as boas obras levavam para o Céu, já os pecados capitais e a incredulidade conduziam ao Inferno.

Nós estamos agora presentes no Céu. Justamente como nós estamos agora na Terra vestidos com virtudes e adornados com o santo amor de Deus, então nós somos agora visíveis a todos os abençoados, e eles louvam a Deus e se regozijam por nossa causa; aparentemente nós estamos com eles lá. Eles não enxergam adiante o que está acontecendo conosco, mas eles veem que nós estamos crescendo em nobreza, aumentando em esplendor e ascendendo às alturas. Isto é o que está acontecendo hora após hora aos abençoados que

ainda estão na Terra. Por causa disso, a alegria dos santos e anjos aumenta. Ai de mim, se nós afundarmos em grandes pecados veniais, nossa justa radiação celestial será extinguida. Então os anjos imploram e os santos suplicam a nosso querido Senhor que retornemos e nos tornemos puros novamente. [...] Nós também somos presentes no Purgatório na medida em que nós o ganhamos na Terra. [...] Desta forma nós entramos e saímos do Céu, Purgatório e desgraçado Inferno de acordo com onde nosso livre arbítrio procura se alinhar (MECHTHILD OF MAGDEBURG, 1998, livro VI, p. 169).

Tal como podemos inferir a partir do trecho acima, na concepção cristã, o veredicto era dado segundo as três categorias de homens – os justos perfeitos, os justos imperfeitos e os injustos (HADEWIJCH, 1980, Carta 10, p. 66-68; Carta 12, p. 74). Os primeiros se destacavam por fazer o bem além do que estava prescrito para a massa de fiéis e, por isso, ascendiam diretamente ao Céu. Ao morrerem, os mártires e os santos, por exemplo, eram levados pelos anjos a um Paraíso onde gozavam um inexprimível júbilo. Mesmo os santos, ou seja, aqueles que construíram suas boas obras com ouro, prata e pedras preciosas, passavam por um fogo. Todavia, isto não era para eles uma provação e, deste fogo, saíam mais reluzentes e reconfortados, pois “qual seja a obra de cada um o próprio fogo o provará. Se permanecer a obra de alguém que sobre o fundamento edificou, esse receberá o galardão” (I Coríntios 3: 10-14). Para as beguinhas, os homens suficientemente dignos de alcançar o Reino dos Céus, após a morte eram levados para um prado repleto de alegria e luz, local de cantos suaves, universo de agradáveis aromas de flores, lugar que encantava a visão e os demais sentidos. Lá, eles aguardavam em júbilo o Juízo Final.

Isto foi revelado e eu vi como o Paraíso foi constituído. De sua largura e comprimento eu não pude achar o fim. Eu primeiro o aproximei entre este mundo e o início do Paraíso. Lá eu vi árvores, folhagem, e um pouco de grama, mas não ervas daninhas. Algumas árvores sustentavam maçãs, porém a maioria delas tinha somente folhas com uma fragrância refinada. Águas velozes fluíam por lá e o vento soprava de sul a norte. Lá nas águas estava misturada a doçura terrena com felicidade celestial. A brisa era mais

doce do que eu poderia dizer. [...] Eu vi um paraíso duplicado. Eu descrevi a parte terrena. A parte celestial está bem acima e cobre a parte terrestre contra todas as tempestades. Na parte mais alta estão aquelas almas que não necessitam de Purgatório mas que ainda não entraram no Reino de Deus. Elas pairam na felicidade como faz o ar no sol. Poder e honra, recompensa e coroa ainda não são delas até que elas entrem no Reino de Deus. Quando a terra inteira falecer e o Paraíso Terrestre não mais existir; quando Deus tiver realizado seu julgamento, o Paraíso Celestial há também de falecer. Tudo isto virá para Deus. (MECHTHILD OF MAGDEBURG, 1998, livro VII, p. 325-327).

Para receberem a sua coroa da vida e adentrarem a este local de refrigério, Mechthild afirmava que as beguinas deviam conservar um ardente amor a Deus e laboriosa compaixão para com o próximo. Era necessário, também, resistir às tentações do maligno, afastar-se das coisas mundanas, enfim, era preciso perseguir uma vida ascética voltada para o bem e o amor a Deus. Vida ascética que implicava em inúmeros momentos dedicados ao contato íntimo com Deus, fosse por meio de orações, fosse através de êxtases e visões das almas do Purgatório.

Conforme nos informa a Bíblia e a tradição cristã, nenhum homem estava isento de pecados. Todavia, havia os que concluíam, em vida, toda a sua penitência e ainda outros nos quais o amor fervoroso e a contrição consumiam dentro deles os pecados veniais. Estes, portanto, escapavam aos tormentos e ao fogo da purgação, tal como nos mostra Mechthild em sua visão:

Um padre puro morreu em sua própria paróquia designada. Eu rezei por ele, como um cristão sempre faz por outro. Então minha alma o viu em maravilhosa honra, quando ele estava ainda no estado de espera pela glória celestial. Quatro anjos o conduziram através das tempestades no primeiro Céu e tocavam harpas com cordas celestiais para seu prazer. Isto era o Purgatório pelo qual eles se preparavam para a celestial beatitude. Eu o perguntei como ele tinha conquistado esta honra especial. Ele disse: ‘Na Terra eu amei a solidão e fui temeroso apenas com minhas orações’.

Eu disse: ‘Ah, grande homem abençoado, porque você não ascendeu direto ao Paraíso com estes anjos cheios de luz?’. Ele respondeu desta forma: ‘A glória que eu tenho que receber por causa da minha pura vida sacerdotal é tão grande que eu não posso ainda entrar nela’. (MECHTHILD OF MAGDEBURG, 1998, livro V, p. 192).

Os justos que morreram com pecados veniais insignificantes tinham como castigo a privação da Visão Beatífica. Assim, alguns homens que tiveram uma vida ascética com ardente amor a Deus não eram torturados, mas como forma de expiação estavam privados temporariamente da gloriosa Visão de Deus. A privação da Visão Beatífica também constituía o Purgatório das almas que já suportaram todas as torturas necessárias à expiação de sua pena, mas que ainda não estavam prontas para adentrar no Paraíso e “Isto é tão próximo do Céu que eles possuem todas as alegrias exceto três – eles não veem Deus, eles ainda não receberam suas honras e eles ainda não foram coroados”. (MECHTHILD OF MAGDEBURG, 1998, livro VI, p. 234-235).

Conforme já pontuamos, havia também os imperfeitos condenados ao Inferno. Esses não podiam ser resgatados porque, no Inferno, não havia redenção alguma. Os condenados que praticaram alguma boa ação em vida podiam ser beneficiados por isso, na medida em que as boas obras praticadas na Terra lhes valiam uma mitigação da pena. Todavia, aos maus era negado o Purgatório e, como depois de morto não se adquiria méritos, os condenados não podiam se valer da ajuda dos vivos. Sobre esta categoria, Mechthild afirma:

Eu vi uma cidade, seu nome é ódio eterno. Ela foi construída de todos os tipos de pedra de enormes pecados capitais no mais profundo abismo. Na parte mais funda do Inferno, o fogo, escuridão, fedor, tremor e todos os tipos de dor intensa são as maiores. É lá que os cristãos são postos de acordo com suas ações. [...] O Inferno também tem uma boca no topo que permanece sempre aberta. Todos os que entram na boca nunca são libertos da morte eterna (MECHTHILD OF MAGDEBURG, 1998, livro III, p. 127-132).

No Inferno, a pena era destruidora e as chamas eram eternas. Já o fogo do lugar intermediário, destinado aos eleitos, não era um elemento destruidor e nele não se era

punido por toda a eternidade. Acreditava-se, então, “que os non valde mali [absolutamente maus] e os non valde boni [absolutamente bons] eram entregues depois da morte a um fogo que não era do suplício eterno, mas o do purgatio” (ARIÉS, 2014, p. 202). Nomeou-se a este fogo de Purgatório, ou seja, aquele que depurava por castigo temporário e consumia os pecados. Por este fogo passavam apenas os eleitos, já que os justos perfeitos não estavam a ele destinados e os condenados eram enviados para as chamas eternas do Inferno. Nesse sentido, no plano intermediário, havia os homens que tinham apenas pecados veniais a expiar ou que se arrependeram antes de morrer, mas não cumpriram toda sua penitência na Terra. Estes eram os justos imperfeitos que, antes de ascenderem ao Paraíso, precisavam purgar seus pecados e, para tanto, eram conduzidos ao Purgatório, onde o fogo consumia as faltas, expiava as culpas e purificava as almas.

No século XIII, pecado venial era sinônimo de uma falta digna de venia, ou seja, de perdão. Os pecados veniais eram, portanto, aqueles que se praticavam por ignorância ou, mais comumente, os pecados leves, quotidianos. Havia, portanto, uma diferenciação entre pecado criminal ou mortal e pecado venial ou leve. O primeiro se cometia deliberadamente e a consciência e gravidade do ato ou pensamento levava à condenação; já os pecados veniais provinham da fraqueza humana ou de sua ignorância e, por isso, não eram passíveis de uma condenação eterna. Tais pecados eram perdoados pela confissão, contrição e penitência. Ao pecado mortal, as chamas eternas do Inferno, ao pecado venial, o fogo temporário do Purgatório. Todavia, não devemos pensar que o Purgatório era destinado apenas aos que tinham cometido faltas leves, posto que no último suspiro, ainda havia tempo de arrependimento e salvação e, portanto, das chamas eternas darem lugar ao Purgatório, já que lá também eram purgados os pecados criminais dos homens que antes de morrer se arrependeram. Assim, temos um Purgatório povoado de pecadores arrependidos, e confessos que eram punidos de acordo com as faltas cometidas. Ou seja, os injustos confessos e arrependidos e os justos imperfeitos eram purgados e punidos pelo fogo, de acordo com as obras praticadas em vida.

Após cometer um pecado grave ou diante de uma vida de apego ao mundo, a esperança de vida eterna era renovada pela penitência ou pela reclusão numa comunidade religiosa, na qual era possível dedicar-se plenamente aos prazeres espirituais. Mas, no momento final, quando a morte sentava-se ao lado do homem, havia ainda uma esperança de salvação. Ou seja, “no momento da morte, o jogo não está feito; existe um período intermediário entre a morte e a decisão final, durante o qual tudo pode ser salvo” (ARIÉS, 2014, p. 620). E, para as beguinhas, os instantes que antecediam a morte tinham uma importância particular, na medida em que, se para a maioria dos moribundos já era tarde demais para ir diretamente para o Céu, era ainda tempo de salvação através do Purgatório, pois

Quando por causa de sua natureza de morte seus sentidos exteriores tinham sido tirados deles, o corpo ainda jaz – embora a alma e o corpo ainda tenham um desejo em comum. Quando eles deixaram para trás a escuridão terrestre, Deus lhes deu conhecimento verdadeiro em segredo. Oh quão estreita é a trilha para o Reino dos Céus! A união de corpo e alma, não ainda separados, falou desta forma: ‘Deus verdadeiro, me conceda o perdão; eu sinceramente me arrependo de meus pecados!’. Isto é uma breve hora na qual Deus tem secretamente salvo muitas almas que para todas as aparências tinham sido perdidas (MECHTHILD OF MAGDEBURG, 1998, livro III. p. 127-132).

Para o Purgatório também iam os que praticaram pecados mortais por ignorância. Nesse sentido, os homens que pecaram por desconhecimento da gravidade de seus atos ou pensamentos, não eram condenados a pena eterna, já que, neste caso, tais pecados eram considerados veniais. Não havendo culpa, não eram condenados ao Inferno, mas, devido à justiça divina, eram enviados ao Purgatório para cumprirem sua pena. Isto porque era necessário distinguir culpa, que era o desprezo a Deus e a desobediência às suas ordenanças, e pena, esta como sendo sinônimo de castigo aplicado. O que normalmente levava a condenação era a culpa, mas esta podia ser remida pela confissão e contrição, enquanto a pena era anulada pelo cumprimento da penitência imposta. Para a maioria dos teólogos do século XIII, os pecados veniais eram remidos no Purgatório quanto à pena, mas não quanto à culpa, que era apagada no instante da morte pela caridade divina (LE GOFF, 1993, p. 192-196).

Não devemos, contudo, acreditar que a existência do Purgatório levou a um relaxamento da vida espiritual, já que se acreditava que o arrependimento, no momento da morte, poderia livrar do Inferno. O medo dos tormentos do Purgatório incitava os homens a iniciarem o mais cedo possível sua penitência e a cumpri-la com zelo, haja vista que era sabido que as penas purgais eram superiores a qualquer dor experimentada no corpo. Muitos eram os que se esforçavam para expiar em vida sua culpa e fugir dos tormentos do Purgatório. Mechthild nos informa que

entre Deus e o diabo existem dois Purgatórios e neles muitos tipos de sofrimento e angústia. O primeiro consiste de sofrimentos proveitosos que nos afligem neste mundo

com vários tipos de dor. O segundo Purgatório – depois desta vida – é tão grande que começa na boca do Inferno e termina no portão do Céu. (MECHTHILD OF MAGDEBURG, 1998, livro VI, p. 234-235).

O primeiro Purgatório era terrestre, sendo realizado através de penitência voluntária e demais sofrimentos que um homem podia suportar enquanto vivesse. Alguns, dentre os quais destacamos as beguinhas, eram purgados em vida através de sofrimentos voluntários, tais como jejuns, vigílias, pobreza voluntária, estigmas de Nosso Senhor, entre outros. As lágrimas e sofrimentos em prol das almas constituíam, para as beguinhas, a possibilidade de purgar, em vida, seus pecados veniais e, com isso, diminuir o tempo que se passaria no outro Purgatório, que tinha lugar após a morte. Havia também os que eram purgados em vida através de sofrimento involuntário, entre os quais, podemos destacar a perda de pessoas queridas, dores, doenças, privação de alimentos e de bens. As penas purgatórias, neste mundo, eram de grande valia para os homens que, ao passarem por angústias e privações, não se voltavam contra os desígnios divinos, pelo contrário, se tornavam melhores com as provações e delas tiravam proveito para se corrigirem e se aproximarem de Deus.

Eu estou doente: eu anseio ardentemente pela poção de saúde que Jesus Cristo bebeu. Quando ele, Deus e homem, veio para dentro da manjedoura, a poção estava pronta na sua mão. Ele bebeu tanto dela que ficou embriagado com o fogo do amor que com todas as virtudes ele suportou por nós todos os seus intensos sofrimentos. Eu anseio por uma poção de saúde. Esta poção é o sofrimento por amor de Deus. (MECHTHILD OF MAGDEBURG, 1998, livro VII, p. 302).

E Mechthild acrescenta que, após beber uma poção tão amarga – a do sofrimento por amor a Deus – o cristão necessita de uma comida saborosa. Todavia, tal mulher brada:

‘afaste-se de mim, pois é melhor para uma pessoa ser desconsolada de acordo com a vontade de Deus do que ser consolada de acordo com sua própria vontade’. A vontade de Deus é pura: nossa vontade é muito mais contaminada pela carne. [...] Oh, querido Senhor, nos ajude que nosso

santo desejo possa nunca descansar e nossa humildade submersa nunca possa se exaltar em arrogância. Possa o fogo fluente do santo amor de Deus ser aqui nosso Purgatório, onde todos os nossos pecados são devorados (MECHTHILD OF MAGDEBURG, 1998, livro VII, p. 302).

Deus, sendo um pai amoroso, permitia que seus filhos passassem pelo fogo, não para serem mortos, mas para serem purgados; não para perecerem, e sim para expiarem a sua culpa. Essa experiência não visava à destruição, pelo contrário, o castigo servia para depurar a alma, preparando-a para o Reino dos Céus, onde alcançaria a glória e a visão do Criador. A pastoral do medo, que acentuava a infernização das penas, sublinhava que o fogo da purgação representava uma pena muito severa, que castigava e depurava ao mesmo tempo. A purificação da alma era gradual e o pecador estava privado da presença de Deus, mas tinha a certeza de que sua dor era temporária e que, ao final, alcançaria a visão beatífica.

Minha segunda criança: estas são as pobres almas que são atormentadas no Purgatório; a essas eu devo dar o sangue de meu coração para beber. Quando eu oro por elas e vejo os vários tipos de tormento e amarga sede que elas sofrem da maneira específica que pecaram então eu sofro a dor de uma mãe. Mas estou feliz porque elas sofrem tormentos pela culpa verdadeira para a glória de Deus. Elas aceitam seu sofrimento com grande paciência porque veem sua culpa claramente. Elas sofrem suas dores com grande sabedoria conquistada e bebem em si mesmas muito sofrimento interior. Se essa criança vai se recuperar logo, sua mãe tem que ser muito misericordiosa e crente (MECHTHILD OF MAGDEBURG, 1998, livro V, p. 187).

Os relatos das beguinhas estão repletos de números que sugerem uma relação de proporção entre a gravidade do pecado e tempo no Purgatório, bem como entre o tempo dos sufrágios oferecidos e a aceleração da saída do lugar intermediário. Acreditava-se, portanto, numa relação de proporcionalidade entre a gravidade dos pecados e o tempo passado no Purgatório. Todavia, os que estavam neste lugar não sabiam ao certo quanto tempo permaneceriam nos lugares penais, haja vista que as suas provações podiam ser

minimizadas e abreviadas por meio de missas, orações, jejuns, salmos e demais obras pias feitas em intenção das almas. Mechthild nos fala de uma pessoa que libertou mil almas com lágrimas de amor. A penitência que tal pessoa impôs a si mesma teria diminuído a estada das almas no Purgatório em nove anos. Após ver os tormentos que as almas sofriam, essa pessoa suplicou a Deus para que Ele fosse misericordioso.

Então Deus falou do Céu: ‘Pare com isso agora! Não inflija dor a si mesma! Você está tornando isso demasiadamente pesado para você!’. O espírito lamentou: ‘Ai de mim, querido Senhor, então liberte alguns deles!’. Nosso Senhor disse: ‘Quantos deles você quer?’. O espírito disse: ‘Senhor, quantos eu for capaz de reabilitar em sua bondade’. Nosso Senhor disse: ‘Então leve uns mil e os conduza aonde você desejar’. Novamente o espírito da pessoa falou: ‘Ai de mim, meu caro Senhor, o que vai acontecer a esses pobres agora? Com tal desfiguração eles nunca poderão entrar em seu reino’. Então Deus disse algo que serve para dar muito conforto a todos nós pecadores: ‘Você deveria banhá-los nas lágrimas de amor que agora deságuam dos olhos de seu corpo’. Então apareceu um grande lago redondo. Eles surgiram em união e se banharam no amor, brilhante como o sol. O espírito da pessoa sentiu indescritível alegria e disse: ‘Louvado sejas tu, querido Pai, por todas as criaturas para sempre. Agora eles estão aptos para entrar em Seu reino’. Então Nosso Senhor curvou-se a eles e colocou a coroa de amor neles e disse: ‘Vocês devem usar essa coroa para sempre para que todos em meu reino saibam que vocês foram redimidos por lágrimas de amor nove anos antes do tempo atribuído (MECHTHILD OF MAGDEBURG, 1998, livro II, p. 77-78).

As almas não ficavam no Purgatório necessariamente todo o tempo decorrido entre a morte individual e o Julgamento Final, já que elas podiam ser libertadas mais ou menos rapidamente, de acordo com a gravidade dos pecados, a penitência cumprida em vida e os sufrágios dos vivos. Nas visões, era comum que a alma falasse sobre o tempo que estava no Purgatório, o período de penas a cumprir e o tempo de purgação que seria reduzido pelos sufrágios. Podemos perceber que, para além das ações em vida que

determinavam a permanência no Purgatório, o tempo neste local era também determinado pela caridade dos vivos e pelas indulgências da Igreja. O sufrágio só era válido se o cristão merecesse, pela sua vida justa e seu amor, ser ajudado depois da morte. Isto porque, depois da morte, já não se adquiria méritos, era o tempo de se fazer uso dos méritos conseguidos em vida; este era o caso das almas que utilizavam os seus méritos, através dos sufrágios, para reduzir sua estada no Purgatório.

Na condição de satisfatório (expição), o sufrágio era propriedade do defunto, beneficiando apenas as almas. Todavia, na condição de meritório da vida eterna, o sistema de sufrágio também era útil aos vivos pela caridade feita em favor dos mortos, que implicava na aquisição de méritos nesta vida e também pela maior proximidade com Deus, através da oração feita em favor das almas. Nesse sentido, as beguinias, ao se voltarem para os necessitados espirituais, colocavam em prática a principal virtude cristã: a caridade. Em seus êxtases e visões, Mechthild contribuía para reduzir o sofrimento das almas que passavam pelas penas purgais e, ao mesmo tempo, mostrava-se como exemplo a ser seguido pelas demais mulheres de sua comunidade.

Considerações finais

Os erros cometidos em vida deviam ser remidos pelo arrependimento para que as chamas eternas fossem substituídas pelos sofrimentos do lugar intermediário, possibilitando que as dores e lágrimas, derramadas em prol das almas do Purgatório, dessem lugar ao júbilo do Paraíso. Nesse sentido, seguindo o exemplo de Jesus e seus apóstolos, as beguinias se dedicavam à caridade, na medida em que esta era o exercício do amor fraterno. Assim, podemos afirmar que o amor aos desvalidos era uma forma de todos os cavaleiros de Cristo evidenciarem seu amor ao Senhor dos Senhores. A caridade era, para Mechthild, a demonstração do honorável serviço ao próximo, que Jesus exigia de todos os seus cavaleiros.

Na concepção de Mechthild, o Purgatório era um local de sofrimentos, mundo de horror que aterrorizava os sentidos, onde se viam figuras monstruosas, se ouviam gemidos e barulhos insuportáveis, se sentiam odores fétidos; lugar de penas e castigos no qual sobressaíam as dores físicas e as torturas ígneas. Sobre o estado das almas do Purgatório, Mechthild, em sua visão, nos relata que as almas que ela libertou, através da oração e do clamor, “se ergueram de tal sofrimento pretas, inflamadas, lodosas, ardentes, ensanguentadas e malcheirosas” (MECHTHILD OF MAGDEBURG, 1998, livro II, p. 77-78). Conforme nos relata a beguina, devido a tal estado, foi necessário que essas almas fossem banhadas nas lágrimas de amor, derramadas em seu benefício, a fim de poderem adentrar no Paraíso.

Nesse sentido, a vida religiosa deixaria de ser uma contemplação da divindade de Cristo para dar lugar à constante busca de um viver em conformidade sempre maior com o exemplo de caridade, humildade e pobreza voluntária, dado por Ele. O amor pregado por Cristo e seus seguidores podia ser vivenciado de forma contemplativa ou ativa, e esta riqueza de leituras permitiu às beguinhas uma espiritualidade pautada no amor a Deus e ao próximo, consubstanciado nos sufrágios pelas almas do Purgatório.

Fontes

BÍBLIA Sagrada. *Velho e Novo Testamentos*. Trad. João Ferreira Almeida. Rio de Janeiro: Bíblia Brasileira, 1976.

HAEDEWIJCH. *The complete works*. Tradução e Introdução de Mother Columba Hart. Nova York: Paulist Press, 1980.

MECHTHILD OF MAGDEBURG. *The flowing light of the Godhead*. Tradução e Introdução de Frank Tobin. Nova York: Paulist Press, 1998.

Referências

ARIÉS, Philippe. *O Homem diante da morte*. São Paulo: Unesp, 2014.

_____. *História da Morte no Ocidente*. Lisboa: Teorema, 1989.

BANCEL, Silvia Bara. *Mujeres, mística y política. La experiencia de Dios que implica y complica*. Editorial Verbo Divino, 2016.

BARTOLI, Marco. *Clara de Assis*. Petrópolis: Vozes, 1998.

BECHTIL, Guy. *A carne, o diabo e o confessor*. Lisboa: Dom Quixote, 1998.

BERLIOZ, Jacques (Org.). *Monges e Religiosos na Idade Média*. Lisboa: Terramar, 1994.

BOWIE, Fiona. *Beguine spirituality: mystical writings of Mechthild of Magdeburg, Beatrice of Nazareth and Hadenwijch*. Nova York: Crossroad, 1990.

BYNUM, Caroline Walker. *Jesus as mother. Studies in the spirituality of the High Middle Ages*. California: University of California, 1982.

CASAGRANDE, Carla. A mulher sob custódia. In: DUBY, Georges, PERROT, Michelle (Dir.) *História das Mulheres*. Porto: Afrontamento, 1990. 5v. V2: A Idade Média.

COHN, Norman. *Na senda do milênio: milenaristas, revolucionários e anarquistas místicos da Idade Média*. Lisboa: Presença, 1970.

DALARUM, J. *Olhares dos Clérigos*. In: DUBY, Georges, PERROT, Michelle (Dir.) *História das Mulheres*. Porto: Afrontamento, 1990. 5v. V2: A Idade Média.

DELUMEAU, Jean. *O que sobrou do Paraíso?* São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

_____. *História do medo no Ocidente: 1300 - 1800*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

- DUBY, Georges, PERROT, Michelle (Dir.) *História das Mulheres*. Porto: Afrontamento, 1990. 5v. V2: A Idade Média.
- ESCOBARD OLIVEIRA, M. A Misericórdia entre os Cistercienses – Portugal/ séc. XV. In: *Arrabaldes, Cadernos de História*. Niterói: Rio de Janeiro, 1996. Série I.
- FIORES, Stefano. *Dicionário de espiritualidade*. São Paulo: Paulus, 1993.
- GRUNDMANN, Herbert. *Religious movements in the Middle Ages*. Notre Dame: Universidade de Notre Dame, 1995.
- LE GOFF, Jacques. *A civilização do ocidente medieval*. Lisboa: Estampa, 1983. 2v. V.2.
_____. *O maravilhoso e o cotidiano no Ocidente medieval*. Lisboa: Edições 70, 1989.
_____. *O nascimento do Purgatório*. Lisboa: Estampa, 1993.
- LEVI, Giovanni. Sobre a Micro-história. In: BURKE, Peter. *A escrita da história*. Novas Perspectivas. São Paulo: UNESP, 1992.
- MCDONNELL, E. W. *The beguines and beghards in medieval culture: with special emphasis on the Belgian scene*. New Brunswick: [s.n.], 1954.
- MCGINN, Bernard. *Meister Eckhart and the beguines mystics*. Hadewijch of Brabant, Mechthild of Magdesburg and Marguerite Porete. Nova York: Continuum, 1994.
- MILHAVEN, John Giles. *Hadewijch and her sisters*. Other ways of loving and knowing. Nova York: University of New York, 1993.
- MURK-JANSEN, Saskia. *Brides in the desert*. The spirituality of the beguines. Nova York: Orbis, 1998.
- OPTIZ, Cláudia. O Quotidiano da Mulher no Final da Idade Média (1250-1500). In: DUBY, Georges, PERROT, Michelle (Dir.) *História das Mulheres*. Porto: Afrontamento, 1990. 5v. V2: A Idade Média.
- SCHMITT, Jean-Claude. *Mort d'une heresie. L'église et les clercs face aux beguines et aux beghards du Rhin Supérieur du XIV^e au Xv^e siècle*. Paris: Mouton, 1978.
_____. *Os vivos e os mortos na sociedade medieval*. Companhia das Letras, 1999.
- SIMONS, Walter. *Cities of ladies. Beguines communities in the medieval Low Countries (1200-1565)*. Pensilvânia: University of Pennsylvania, 2003.
- VAUCHEZ, Andre. *A espiritualidade na Idade Média ocidental. Séculos VIII – XIII*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.
- VOVELLE, Michel. *As Almas do Purgatório, ou, o trabalho de luto*. São Paulo: UNESP, 2010.